

## Movimentos de Renovação Política no Brasil: o Engajamento da Sociedade Civil na Era Digital

*Lígia de Moraes Oliveira<sup>1</sup>*  
*Roberto Gondo Macedo<sup>2</sup>*

107

**Resumo:** O sistema político brasileiro, nos últimos anos, tem sido colocado em xeque por uma sociedade que se vê cada vez menos refletida nas decisões do governo. Desde 2016, movimentos suprapartidários de renovação política tem surgido com a proposta de qualificar líderes e trocar os quadros de representantes políticos do país. Em 2018, 13 membros dos movimentos Acredito, Agora e Livres foram eleitos, consolidando a atuação dos grupos pela via política institucional e incomodando atores políticos que viam os partidos como únicos bastiões da democracia eleitoral. A proposta do presente artigo é explorar essas novas formas de configuração da sociedade civil e os novos rumos das transformações sociais contemporâneas, estimulando um debate sobre as implicações práticas e políticas do surgimento e consolidação dos movimentos de renovação no Brasil.

**Palavras-chave:** engajamento cidadão; renovação política; movimentos civis; movimentos de renovação; eleições 2018.

---

1 Especialista em Marketing Político e Propaganda Eleitoral da ECA-USP. Pesquisadora Associada do Observatório de Marketing Político e Governamental OMPG, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: ligiamlv@gmail.com.

2 Doutor em Comunicação Social, com Pós-Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor da Especialização em Marketing Político e Propaganda Eleitoral da ECA-USP. Docente e Pesquisador do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde coordena o Observatório de Marketing Político e Governamental – OMPG. Presidente da Sociedade de Pesquisa POLITICOM e Vice-Coordenador do Grupo de Pesquisa em Comunicación Política y Medios da Asociación latinoamericana de investigación – ALAIC. E-mail: rgondomacedo@gmail.com.

## 1. Introdução

O sistema político no Brasil e em diversos países do mundo tem sido colocado em xeque por sociedades que se veem cada vez menos refletidas nas decisões de seus governos. Cresce a noção de que a polarização - isto é, a concentração dos cidadãos nos extremos dos campos políticos de esquerda e de direita - afeta diretamente as democracias, gerando impasses legislativos, baixa produtividade do trabalho dos congressistas, empecilhos ao governo nacional na aprovação de reformas e leis e, sobretudo, uma quebra da confiança da população quanto às instituições democráticas. Num Brasil em que boa parte dos atuais representantes políticos domina as disputas eleitorais desde o período de redemocratização do Estado, há mais de 30 anos, a renovação do sistema político emerge como bandeira nacional.

Um levantamento feito pelo instituto IDEIA Big Data<sup>3</sup>, em julho de 2017, revelou que a grande maioria dos eleitores brasileiros desejava ver novas pessoas concorrendo nas eleições de 2018. De acordo com a pesquisa, 79% concordam com a afirmação “gostaria muito de ver os cidadãos comuns (de fora da política), como professores, empreendedores, funcionários públicos concursados, trabalhadores da indústria, profissionais liberais, entre outros, candidatos em 2018”. A pesquisa também mostrou que os partidos, por sua vez, seguiam num processo de desgaste de credibilidade: 77% dos entrevistados destacaram que votam na pessoa e não se importam com o partido político.

Nesse cenário, poucos antes das eleições de 2018, a sociedade civil potencializa no país a criação de movimentos suprapartidários, como o Acredito, o Agora e o Livres, que pautam a renovação política como forma de oxigenar a democracia no Brasil. Esse discurso culmina em uma frente da renovação em 2018, com o lançamento de candidaturas de integrantes de vários movimentos, para cargos estaduais e federais, a maioria na corrida por um primeiro mandato. O conjunto de movimentos suprapartidários de renovação política encerra o ano com a eleição de 29 deputados federais e 4 senadores, consolidando sua atuação pela

---

<sup>3</sup> CASADO, José. Pesquisa mostra que eleitores rejeitam políticos investigados por corrupção. O Globo, Rio de Janeiro, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/pesquisa-mostra-que-eleitores-rejeitam-politicos-investigados-por-corrupcao-21649512>. Acesso em: 22 nov. 2018.

via política institucional e incomodando atores políticos que viam até então os partidos como únicos bastiões da democracia eleitoral. Nesse processo, é a sociedade civil organizada que se mobiliza fora dos âmbitos institucionais exatamente para transformá-los.

## **2. Movimentos Sociais e o Poder dos Media**

Nas décadas de 1980 e 1990, a consolidação de democracias nos países em desenvolvimento dá um grande impulso à atuação política de grupos da sociedade civil. A descrença no poder regulatório do mercado, nos países liberais, e no intervencionismo estatal, nos países socialistas, fez que esse novo ator político fosse fortemente considerado para responder às necessidades dos cidadãos e à conquista social de bens públicos - como alternativa ao mercado e ao Estado. O crescimento de organizações não-governamentais e de redes cívicas no período fez com que se renovassem as atenções sobre a eficácia política dos atores da sociedade civil (MAIA, 2010).

109 Identificados por um domínio altamente heterogêneo, os grupos da sociedade civil, de acordo com Scherer-Warren (2006), representam as diversas formas de como os cidadãos se organizam em suas comunidades para defender seus direitos, interesses e valores, seja por meio de protestos sociais, manifestações simbólicas ou pressões políticas. Do processo articulatório e da organização formal desses grupos da sociedade civil, constituem-se o que a autora denomina de redes de movimentos sociais:

Esta pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas. Em outras palavras, o Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia, num contínuo processo em construção [...] (SCHERER- WARREN, 2006, p.113).

Os movimentos sociais historicamente são os grandes catalisadores de mudanças políticas na sociedade, de acordo com o sociólogo Manuel Castells (2013). Por meio dessa congregação em torno de novos princípios, valores e/ou

bens, os sujeitos políticos se unem para a ação coletiva e conquistam a potencialidade de transformar as instituições da sociedade e suas relações de governança, ao mesmo tempo em que sugerem e criam novas normas de organização da vida social. Assim, ao transcender experiências datadas e por transitar, fluir e acontecer em espaços não-institucionais, constantemente os movimentos questionam e propõem novas estruturas também de organização política (GOHN, 2014).

Os atores da sociedade civil, contudo, somente conseguem concretizar essa transformação social e política por meio de um elemento fundamental - a comunicação, seja enquanto dinâmica discursiva de articulação interna ou externa. Segundo o filósofo Pierre Lévy (2002), além de mudanças materiais, a nossa sociedade evolui na medida em que se promove uma aceleração da emancipação humana - isto é, na medida em que mudam as formas como as nossas mentes assimilam informações e aprendem. Existe, assim, uma estreita relação entre a expansão das comunicações e a ampliação da liberdade humana. Lévy (2002) aponta que, por transformar e aumentar as capacidades da linguagem, a densificação das comunicações impulsiona diretamente o processo de emancipação e, dessa forma, possui um papel fundamental na evolução da governança política das sociedades.

As redes de comunicação, por mediar os nossos processos de conhecimento, trocas e aprendizagem, são expressivas fontes de construção de poder e de influência sobre os pensamentos dos indivíduos. Na consolidação de um movimento social, a conectividade entre os sujeitos depende fundamentalmente da existência de redes de comunicação interativas, uma vez que elas tornam possível a conexão entre os indivíduos, o compartilhamento de sua indignação, o afrontamento dos poderes institucionais e a construção de projetos alternativos para si próprios ou para toda a sociedade (CASTELLS, 2013). Os media, dessa forma, não são uma fonte direta de mudanças sociais, mas atuam essencialmente como canalizadores das indignações e esperanças dos cidadãos e de suas comunidades, possibilitando que as mudanças aconteçam.

### 3. Novo Espaço Público e Redes Digitais

Nicholas Negroponte (1995), antes do início do século 21, já observava o crescimento de uma mentalidade descentralizadora na sociedade, compartilhada e promovida essencialmente pelos cidadãos do mundo digital. Um novo tecido social estava sendo criado com a era da informação, no qual os novos meios ocupariam o centro da vida cotidiana e seriam o canal que mediará as relações humanas. Para além da quantidade de informações que circulava no ciberespaço, assim, o autor apontava o valor real da rede sobretudo na vida em comunidade.

De acordo com Manuel Castells (2013), as redes sociais digitais se constituem como espaços vivos, que conectam em rede todas as dimensões da vida de um indivíduo. Ao transcender o tempo e o espaço, essas redes transformam a cultura humana, induzindo compartilhamentos e permitindo que os usuários produzam conteúdo, estabeleçam vínculos e conectem práticas. Esses novos modelos participativos e interativos de comunicação das comunidades virtuais, porém, não podem ser explicados simplesmente pelo surgimento da infraestrutura tecnológica, apesar das novas tecnologias possuírem importante papel na viabilização dessas mudanças de paradigma. É o que aponta a análise de Jenkins, Ford e Green, que podemos transpor para o presente trabalho:

Nossa abordagem não supõe que as novas plataformas liberem as pessoas de velhas limitações, mas, em vez disso, sugere que as facilidades da mídia digital funcionam como catalisadoras para a reconceitualização de outros aspectos da cultura, exigindo que sejam repensadas as relações sociais, que imaginemos de outro modo a participação cultural e política, que as expectativas econômicas sejam revistas e que se reconfigurem as estruturas legais (JENKINS, FORD, GREEN, 2014, p.25).

Essas mudanças na direção de um modelo mais participativo de cultura transformam o papel dos usuários dentro da esfera pública, uma vez que são eles mesmos que moldam, compartilham e reconfiguram as mensagens de comunicação, agora no ciberespaço. A internet, então, leva à criação de um novo espaço público, que redefine profundamente as condições da governança política. Isso porque os cidadãos, “uma vez habituados à eficácia, à simplicidade e à transparência do crescente universo da economia da informação, a opacidade, o

emparedamento e a ineficiência das administrações públicas torna-se chocante” (LÉVY, 2002, p.102).

Os movimentos de protesto de 2011, que tomaram as ruas em todo o mundo, revelavam exatamente esse choque de realidades. Ao mesmo tempo em que descobriam as facilidades de um novo espaço de discussão e articulação política no mundo digital das redes sociais, com a ampliação do acesso às tecnologias, os cidadãos da época ainda viviam os reflexos globais de uma série de crises político-econômico-sociais - a crise financeira causada pelo estouro da bolha imobiliária dos Estados Unidos, em 2008; a crise da dívida soberana europeia, em 2010, decorrente da incontínência fiscal de alguns países europeus; as crises sociais de precarização do trabalho e aumento do desemprego; a crise política global dos partidos e a perda de legitimidade das instituições, devido à aproximação com os interesses do capital financeiro, em todo o mundo; além das próprias crises locais e regionais, específicas de cada país.

112 Nesse cenário, as mobilizações que ocuparam a esfera pública na Islândia e, principalmente, na Tunísia foram as primeiras de uma torrente de manifestações populares no mundo - seguidas por outras no Egito, Espanha, Chile, Estados Unidos etc. Embora a diferença entre os contextos regionais dos países fosse significativa, Castells (2013) analisa a existência de um déficit democrático generalizado e de uma crise de legitimidade política concomitante à crise do capitalismo especulativo mundial. Transcendendo os limites geográficos, os cidadãos compartilhavam um sentimento de que os governos de seus países não representavam as vontades da maioria da população, pois tinham colocado à frente seus próprios interesses e os da elite financeira.

Subsidiados pela essência democrática do ciberespaço, as manifestações propunham, assim, “uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede: a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013, p.166). Como os meios de comunicação de massa eram amplamente controlados por governos, empresas de mídia e grandes elites financeiras, a internet se viabiliza como a possibilidade do exercício de um contrapoder, transformando-se em um dos principais catalisadores da atuação de

movimentos sociais nos dias de hoje, um espaço essencialmente livre do controle daqueles que detêm o poder institucional.

#### **4. Movimentos de Renovação Política no Brasil**

A onda de protestos que ocorreu no Brasil em junho de 2013 aparece como decorrência direta desse espírito de época, que tem a comunicação e a internet como grandes mobilizadoras do espaço público. Milhares de brasileiros foram às ruas, dos mais diversos setores sociais e em cidades de todas as regiões do país, primeiro pautando o aumento de tarifas do transporte público, e na sequência escalonando os protestos para um sentimento de insatisfação generalizada com os nossos representantes políticos. A internet, mais do que ferramenta de organização e mobilização dessas manifestações, proporcionou um espaço autônomo de inspiração, com uma esperança de mudança motivada pelos levantes nos outros países, e de exercício de contrapoder, já que dava significado a uma afronta clara aos poderes institucionais vigentes.

113 Os protestos tomaram novas formas nos anos seguintes. As manifestações continuaram a ocorrer em 2015 e em 2016 e deslocaram-se para um empenho em favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), que acabou se concretizando em agosto de 2016. As redes virtuais se tornaram guarida de discursos radicalizados, tanto da direita quanto da esquerda, num processo de construção e desconstrução de significados da política brasileira, revelando sempre essa forte repulsa aos velhos modelos institucionais. Com Michel Temer (MDB) na presidência do país, o descontentamento da população com seus representantes políticos se acentuou tão profundamente que o governo do então presidente foi considerado o mais impopular da história do país, com 82% de rejeição dos brasileiros, segundo o Datafolha<sup>4</sup>. A insatisfação fez com que a narrativa por uma renovação política necessária e imediata, a partir da sociedade civil, começasse a ser potencializada.

---

<sup>4</sup> BOGHOSSIAN, B. Reprovação aumenta e torna Temer o presidente mais impopular da história. Folha, 10 jun. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/reprovacao-aumenta-e-torna-temer-o-presidente-mais-impopular-da-historia.shtml> Acesso em 5 jan. 2020.

O ano de 2016, então, marca o surgimento de uma série de movimentos de renovação política. Com alinhamentos e propósitos específicos, a maioria desses grupos procurava fugir dos campos polarizados da esquerda e da direita, sempre focados numa crítica direta aos atores e práticas da “velha política” - um jargão que, segundo Machado (2019)<sup>5</sup>, estava identificado com velhas práticas de políticos de longa data, baseadas em conchavos escusos, na venda do Estado a grupos privados, no nepotismo, na troca de favores privados por agentes públicos etc. A “renovação”, surge como uma figura retórica de oposição a esses costumes, virando mote de movimentos como Acredito, Agora e Livres. Os grupos, até então, não eram unânimes sobre a entrada direta na disputa eleitoral, muitos preferiam atuar de fora, pensando apenas no incentivo à participação cidadã e ao exercício ético da política. Pouco depois de sua criação e com a intensificação de discursos polarizados, porém, os movimentos se tornam conscientes da importância das suas lideranças participarem diretamente do campo institucional, para promover internamente sólidas mudanças sociais.

114

Castells (2013), ao analisar os movimentos políticos constituídos na era das convergências, conclui que um dos consensos entre eles seria a diluição e a canalização dos sonhos de reforma social por meio das instituições políticas. Segundo o autor, “a influência dos movimentos sociais sobre a política e os programas de governo depende amplamente de sua contribuição potencial para as agendas pré-estabelecidas dos atores políticos” (CASTELLS, 2013, p.174). O discurso da renovação política no Brasil culmina, então, em uma frente democrática em 2018, com o lançamento de candidaturas de integrantes de vários grupos políticos, para cargos estaduais e federais.

## **5. Acredito, Agora e Livres**

Para compreender em profundidade como a trajetória e como os novos rumos dos movimentos de renovação impactam o cenário político brasileiro, causam mudanças sociais e transformam as relações de poder - no âmbito dos

---

<sup>5</sup> Leandro Machado é coordenador nacional do Agora. A entrevista foi concedida para a pesquisadora em 27 set. 2019



arranjos partidários, da formação de lideranças e da percepção de credibilidade da população acerca dos nossos representantes políticos -, realizou-se uma pesquisa de campo, a partir da aplicação de entrevistas com dirigentes dos movimentos Acredito, Agora e Livres.

Os três grupos participaram ativamente das eleições de 2018 - embora movimentos não sejam juridicamente habilitados para lançar candidatos, eles podem apoiar as candidaturas de seus membros. Formados pouco após o impeachment da presidente Dilma Rousseff, nenhum deles se identifica politicamente com um campo ideológico específico, consideram-se “nem de esquerda, nem de direita”. Segue um breve histórico:

### **5.1. Livres**

115

O Livres é um movimento que surgiu em 2016, incubado dentro do Partido Social Liberal (PSL), capitaneado pelo Sérgio Bivar, para promover uma renovação dentro da própria estrutura partidária. A ideia era gradualmente ganhar espaço dentro do próprio PSL, atraindo cada vez mais bons quadros, que defendessem uma pauta política estritamente liberal - nos costumes e na economia. No final de 2017, o movimento foi surpreendido pela filiação de Jair Bolsonaro e decidiu se reinventar. O movimento, de acordo com o diretor-executivo Paulo Gontijo (2019)<sup>6</sup>, tem então um ‘segundo nascimento’. O Livres sai do PSL e se consolida como um movimento suprapartidário, passando a trabalhar em uma nova esfera de influência política.

O Livres atua hoje em três frentes principais: informa, forma e reforma. A primeira é referente à produção de conteúdos, como publicações nas redes sociais digitais, produção de documentários, e-books e análises sobre as ideias do movimento e sobre o cenário político do país. A segunda está ligada à formação política, frente em que realizam treinamentos para capacitar tanto lideranças regionais quanto quadros do Livres interessados em se candidatar. A terceira se refere a um trabalho de advocacy em Brasília, no qual influenciam atores políticos

---

<sup>6</sup> Paulo Gontijo é diretor-executivo do Livres. A entrevista foi concedida para a pesquisadora em 4 out. 2019.

e subsidiam a tomada de decisão dos mandatários do movimento, de acordo com seus princípios liberais.

Em 2018, o grupo ganhou uma eleição fora de época, em Teresópolis (RJ), passando a ser o primeiro movimento a ter uma representação no executivo. Nas eleições de outubro, elegeram dois deputados federais e cinco deputados estaduais. Hoje, são 2.500 associados no Brasil inteiro, com uma forte concentração em São Paulo e no Rio de Janeiro. São 20 núcleos abertos e ativos nos estados, de onde os voluntários coordenam estadualmente as ações do Livres, com atribuições como a realização de eventos, treinamentos e envio de conteúdo para o núcleo nacional.

## **5.2. Movimento Acredito**

O Acredito é um movimento liderado principalmente por jovens, que surgiu em 2017. O grupo foi criado, num primeiro movimento, devido a uma necessidade pessoal de José Frederico Lyra e Felipe Oriá, que queriam se candidatar, mas não enxergavam eficiência em candidaturas isoladas. A motivação do Acredito mudou quando eles identificaram que a dificuldade dos jovens participarem da política e do processo eleitoral era um problema nacional. Hoje, o grupo é uma rede de suporte para jovens de todo o país que queiram se engajar politicamente e que estejam alinhados aos valores do movimento.

De acordo com Samuel Emilio<sup>7</sup>, um dos coordenadores nacionais do Acredito, a atuação do grupo é majoritariamente horizontal e aberta, cabendo aos coordenadores estaduais e municipais a tomada de decisão pela atuação em campanhas de comunicação e mobilização de jovens pelo país:

A gente acredita muito numa política que acontece nas ruas, nessa mobilização de voluntários nas cidades. Fazemos menos campanhas nacionais de mobilização e incentivamos muito que os estados se encontrem presencialmente, que eles criem elos comunitários, fortaleçam a relação entre as pessoas. Eu acho que esse é o nosso jeito de fazer, o jeito do Acredito de fazer renovação política passa por mobilização presencial e organização comunitária (EMÍLIO, 2019).

---

<sup>7</sup> Samuel Emilio é coordenador nacional do Acredito. A entrevista foi concedida para a pesquisadora em 9 out. 2019.

Em 2018, foram eleitas quatro pessoas: o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE); a deputada federal Tábata Amaral (PDT-SP); o deputado federal Felipe Rigoni (PSB-ES); e o estadual Renan Ferreirinha (PSB-RJ). O movimento chegou a 19 estados e se organiza atualmente em 49 lideranças, em âmbito nacional, estadual e municipal - além de contar com pelo menos 2 mil voluntários ativos e engajados, e 7 mil inscrições no site de pessoas interessadas em saber mais sobre o movimento.

### *5.3. Movimento Agora*

O Agora foi criado em 2016, por Ilona Szabó, Leandro Machado e Patricia Ellen. O grupo surgiu, de acordo com Machado (2019)<sup>8</sup>, de uma insatisfação dos três fundadores com as lideranças políticas brasileiras e a baixa expressividade do Brasil e de suas políticas públicas no cenário internacional. O grupo cresceu aos poucos, por meio de convites a especialistas, acadêmicos, ativistas e empresários para integrar o movimento. O que os unia era o desejo de construir uma nova visão de futuro para o Brasil. O grupo ganhou grande expressividade, entre outros integrantes, com a entrada do apresentador de televisão Luciano Huck para o movimento.

Hoje, a principal forma de atuação do Agora é a pesquisa, discussão e formulação de propostas de políticas públicas. O movimento se posiciona como um centro que pesquisa, que discute e formula diretrizes de políticas públicas pra resolver os principais problemas do Brasil em dez áreas prioritárias: Educação, Saúde, Combate às Desigualdades, Segurança, Economia, Governo e Tecnologia, Emprego e Empreendedorismo, Sustentabilidade, Cidades e Reforma do Estado.

Em 2018, 18 membros do movimento resolveram se candidatar, a variados cargos, e levar a agenda do movimento. Três membros se elegeram – dois deputados federais, Joênia Wapichana (REDE-RR) e Marcelo Calero (Cidadania-RJ), e um deputado distrital, Leandro Grass (REDE-DF). Alguns membros do Agora, em 2019, também passaram a ocupar cargos técnicos não-eletivos em secretarias estaduais pelo Brasil. Hoje, qualquer pessoa que se inscreva no site do movimento

---

<sup>8</sup> Leandro Machado é coordenador nacional do Agora. A entrevista foi concedida para a pesquisadora em 27 set. 2019.

se torna automaticamente membro do Agora. De acordo com Machado (2019), são cerca de mil membros que compõem o grupo.

## **6. Convergências e Rumos dos Movimentos de Renovação**

Os movimentos de renovação no Brasil surgiram dentro de uma lógica da sociedade em rede, que valoriza a autonomia, a liberdade proporcionada pela internet e os meios digitais como ferramenta de organização, manutenção e atuação de grupos da sociedade civil. Nenhum dos movimentos entrevistados, no entanto, afirma fazer uso extensivo das redes sociais digitais. O que se observa, assim, é que mesmo que os movimentos de renovação não necessariamente se utilizem de técnicas digitais avançadas de ativismo, a sua formação e consolidação de ideais só foi possibilitada por essa nova mentalidade da sociedade em rede. Essas movimentações demonstram uma necessidade de construção de novos espaços políticos de debate público, em contraposição aos espaços institucionais ocupados por interesses de redes de poder dominantes.

118 Os movimentos de renovação no Brasil, dessa forma, articulam uma nova mentalidade da autonomia frente aos espaços dominantes de poder e se contrapõem às instâncias administrativas e aos métodos de tomada de decisão vigentes. Observa-se que os movimentos de renovação política, partindo da lógica da sociedade em rede e de suas características dialógicas de contrapoder, não só garantem maior agilidade de difusão das informações, interatividade, transparência, engajamento e incentivo ao ativismo, como tentam renovar a própria maneira de se pensar a política nos dias de hoje de acordo com esses valores, em contraposição aos meios tradicionais.

A existência dos movimentos de renovação tem como base estrutural essa oposição retórica entre a “velha política” e a “renovação de atores e práticas”. Como apontou Scherer-Warren (2006), a mobilização dos grupos da sociedade civil pressupõe a identificação coletiva de novos valores e projetos, bem como a consolidação dessa identidade em oposição a outros já consolidados. Nas entrevistas realizadas aos dirigentes nacionais dos movimentos Acredito, Agora e Livres, a definição do termo “renovação” se deu somente mediante a contraposição

à política tradicional. Os valores políticos e sociais anti-establishment, assim, são a principal dimensão de afinidade entre os atores, mais do que uma listagem clara do que significariam as “novas práticas” defendidas.

Como figura discursiva, essa oposição à “velha política” nas disputas eleitorais de 2018 e no subsequente exercício de mandato no ano seguinte foi causa direta de incômodos de atores tradicionais, principalmente daqueles então inseridos na lógica partidária. Esses desconfortos, por exemplo, acabaram gerando ataques e questionamentos dos partidos, como foi o caso de alguns dirigentes do Partido Democrático Trabalhista (PDT), entre eles o ex-presidenciável Ciro Gomes, que chamou os movimentos de “partidos clandestinos”. Como também aponta reportagem da Folha (2020)<sup>9</sup>, “o presidente da sigla trabalhista, Carlos Lupi, repetidas vezes deu declarações no sentido de que o mais democrático seria os ativistas fundarem as próprias legendas e se submeterem às regras do jogo”. Após as eleições de 2018, partidos como o PDT e o Novo já chegaram a aprovar normas para impedir que membros de movimentos disputem eleições pelos partidos.

119 Estruturalmente sob a lógica suprapartidária, os membros dos movimentos em 2018 necessariamente precisaram procurar legendas pelas quais poderiam se candidatar, uma vez que as candidaturas avulsas não são uma realidade no país. Nesse processo, segundo Emilio (2019), Gontijo (2019) e Machado (2019), os movimentos de renovação em geral tiveram pouco suporte dos partidos políticos, que viam com desconfiança a entrada de novos atores no sistema político eleitoral. Como o Acredito, Agora e Livres possuíam uma agenda de valores e propostas própria e não aceitaram se submeter à agenda partidária que poderia ser imposta uma vez que seus representantes fossem eleitos, os grupos buscaram partidos que aceitassem a assinatura de uma carta compromisso, que garantiria a independência dos ativistas nas votações em que houvesse conflito de interesses. A avaliação dos dirigentes, porém, é que muitos partidos se aproveitaram oportunisticamente dos movimentos no período eleitoral. Vale ressaltar que nenhum dos movimentos afirma pretender se tornar um partido no futuro.

---

<sup>9</sup> TAVARES, J. Sob ataque, movimentos de renovação política colidem com partidos e são copiados. **Folha**, 2 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/sob-ataque-movimentos-de-renovacao-politica-colidem-com-partidos-e-sao-copiados.shtml> Acesso em 10 jan. 2020.

## 7. Considerações Finais

Apesar da baixa expectativa dos especialistas quanto à renovação de nomes em 2018 - por causa das acusadas falhas no sistema de votação brasileiro, como o fenômeno dos ‘puxadores de votos’, e principalmente pelo modelo de financiamento de campanha, que coloca o poder de distribuição de recurso nos líderes dos partidos que acabam beneficiando nomes tradicionais da política -, a renovação no Congresso Nacional foi mais acentuada do que diziam as previsões. No Senado, aconteceu a maior renovação desde o período da redemocratização. Apenas 8 dos 32 senadores que tentaram a reeleição conseguiram o mandato - uma taxa de 85% de renovação<sup>10</sup>, por exemplo. Os movimentos suprapartidários de renovação política elegeram 29 deputados federais e 4 senadores. Dos grupos analisados, Acredito, Agora e Livres, foram 13 eleitos<sup>11</sup>, levando em conta senadores e deputados federais, estaduais e distritais. Dessa forma, em 2018, consolidaram-se o discurso da renovação e os próprios movimentos pela via institucional da política.

120 O embate entre a “velha política” e a “renovação”, no entanto, ainda está longe de ser superado. Mesmo ao analisarmos os resultados eleitorais, percebemos que o principal êxito desse resultado de renovação não foi dos movimentos surgidos pós-2016. Mais do que trocar as pessoas que sempre ocuparam os nossos legislativos e executivos por outras que nunca tiveram mandato, os movimentos tinham entre seus objetivos a qualificação da atuação dos nossos representantes políticos. O que se percebeu, porém, é que grande parte dos novos nomes eleitos estavam estritamente ligados a grupos tradicionais do Congresso, mantendo no exercício do mandato as mesmas práticas da “velha política”. A renovação aconteceu, mas ela se resumiu a alternar representantes dos grupos políticos no poder e foi concretizada pelos próprios partidos tradicionais.

---

<sup>10</sup> JORNAL NACIONAL. Senado tem a maior renovação desde a redemocratização do país. **G1**, 8 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/10/08/senado-tem-a-maior-renovacao-desde-a-redemocratizacao-do-pais.ghtml>. Acesso em 22 nov. 2018.

<sup>11</sup> O número de congressistas eleitos pelos movimentos Acredito, Agora e Livres chega a 13 porque existe uma sobreposição do deputado federal Marcelo Calero (Cidadania-RJ), que integra tanto o Movimento Agora quanto o Livres.

A retórica da “renovação” tem se esvaziado cada vez mais. Muitos candidatos tradicionais que buscavam reeleição passaram a se apropriar da mensagem da renovação nos últimos anos, colocando-se paradoxalmente como agentes do rompimento com o status quo, como foi o caso de Jair Bolsonaro (PSL) - que apesar de estar há quase 30 anos na política, empenhou-se na construção de uma imagem de ‘outsider’, anti-establishment. Com esse esvaziamento da terminologia “renovação”, durante o período de campanha eleitoral de 2018, o Acredito, o Agora e o Livres têm se distanciado cada vez mais dessa expressão nos discursos, nas redes sociais e em entrevistas a veículos de comunicação.

A pauta dos movimentos de renovação, assim, acima da superficial mudança de nomes dos eleitos, mas com foco em uma renovação efetiva de práticas políticas, continua relevante. As perspectivas para os grupos de renovação que se dão a partir de 2018 direcionam para uma necessidade de consolidação rápida dos novos rumos de atuação dos movimentos, em que cada um encontre seu espaço único de atuação, de acordo com as especificidades de cada grupo - seja trabalhando a pauta liberal, a mobilização de jovens ou a formulação de políticas públicas.

121

## Referências

AGUIAR, T.; DANTAS, D. Movimentos surgidos na crise de representação vão lançar 300 candidatos em outubro. O Globo, Rio de Janeiro, 25 mar. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/movimentos-surgidos-na-crise-de-representacao-vao-lancar-300-candidatos-em-outubro-22523235> Acesso em 27 fev. 2019.

BOGHOSSIAN, B. Reprovação aumenta e torna Temer o presidente mais impopular da história. Folha, 10 jun. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/reprovacao-aumenta-e-torna-temer-o-presidente-mais-impopular-da-historia.shtml> Acesso em 5 jan. 2020

CASADO, José. Pesquisa mostra que eleitores rejeitam políticos investigados por corrupção. O Globo, Rio de Janeiro, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/pesquisa-mostra-que-eleitores-rejeitam-politicos-investigados-por-corrupcao-21649512>. Acesso em: 22 nov. 2018..

CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

EMÍLIO, S. Movimento Acredito. Entrevista concedida em 9 out. 2019.

GOHN, M. G. Teorias dos movimentos sociais na contemporaneidade. In: GOHN, M. G. (org.); BRINGEL, B. M. (org). Movimentos sociais na era global. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p.19-36.

GONTIJO, P. Livres. Entrevista concedida em 4 out. 2019.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JORNAL NACIONAL. Senado tem a maior renovação desde a redemocratização do país. G1, 8 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/10/08/senado-tem-a-maior-renovacao-desde-a-redemocratizacao-do-pais.ghtml>. Acesso em 22 nov. 2018.

LÉVY, P. Ciberdemocracia. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

MACHADO, L. Movimento Agora. Entrevista concedida em 27 set. 2019.

MAIA, R. C. M. O papel democrático da sociedade civil em questão. São Paulo: Lua Nova, 2010, n.81, p.147-174. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n81/a07n81.pdf> Acesso em 6 ago. 2019.

MOURA, M.; VARELLA, G. Eles querem mudar a política: Em meio à crise de confiança na política, jovens criam movimentos para promover a renovação do sistema partidário. Época, São Paulo, 8 fev. 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/politica/noticia/2017/06/eles-querem-mudar-politica.html> Acesso em: 27 fev. 2019.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Sociedade e Estado, vol.21, n.1, p.109-130, jan./abr., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf> Acesso em 4 ago. 2019.

TAVARES, J. Sob ataque, movimentos de renovação política colidem com partidos e são copiados. Folha, 2 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/sob-ataque-movimentos-de-renovacao-politica-colidem-com-partidos-e-sao-copiados.shtml> Acesso em 10 jan. 2020.



## Political renewal movements in Brazil: the engagement of civil society in the digital age

**Abstract:** The Brazilian political system, in recent years, has been put in check by a society that finds itself less and less reflected in government decisions. Since 2016, supraparty political renewal movements have emerged with the proposal to qualify leaders and exchange the cadres of political representatives in the country. In 2018, 13 members of the Acredito, Agora and Livres movements were elected, consolidating the role of the groups through institutional policy and disturbing political actors who saw the parties as the only bastions of electoral democracy. The purpose of this article is to explore these new forms of civil society configuration and the new directions of contemporary social transformations, stimulating a debate about the practical and political implications of the emergence and consolidation of renewal movements in Brazil.

**Keywords:** citizen engagement; political renewal; civil movements; renovation movements; elections 2018.

## Movimientos de renovación política en Brasil: el compromiso de la sociedad civil en la era digital

**Resumen:** El sistema político brasileño, en los últimos años, ha sido controlado por una sociedad que se ve cada vez menos reflejada en las decisiones gubernamentales. Desde 2016, han surgido movimientos suprapartidos para la renovación política con la propuesta de calificar a los líderes e intercambiar los cuadros de representantes políticos en el país. En 2018, fueron elegidos 13 miembros de los movimientos Acredito, Agora y Livres, consolidando el papel de los grupos a través de la política institucional y perturbando a los actores políticos que veían a los partidos como los únicos bastiones de la democracia electoral. El propósito de este artículo es explorar estas nuevas formas de configuración de la sociedad civil y las nuevas direcciones de las transformaciones sociales contemporáneas, estimulando un debate sobre las implicaciones prácticas y políticas de la aparición y consolidación de movimientos de renovación en Brasil.

**Palabras clave:** compromiso ciudadano; renovación política; movimientos civiles; movimientos de renovación; elecciones 2018.